



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CRISTIANA DE SOUZA BRAGA MARQUES DE ANDRADE NEVES

O HOSPITAL DA LARANJA: SAÚDE E POLÍTICA EM NOVA IGUAÇU

Nova Iguaçu

2017



CRISTIANA DE SOUZA BRAGA MARQUES DE ANDRADE NEVES

O HOSPITAL DA LARANJA: SAÚDE E POLÍTICA EM NOVA IGUAÇU

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Multidisciplinar, como requisito de obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Lúcia Silva

Nova Iguaçu

2017

CRISTIANA DE SOUZA BRAGA MARQUES DE ANDRADE NEVES

O HOSPITAL DA LARANJA: SAÚDE E POLÍTICA EM NOVA IGUAÇU

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Multidisciplinar, como requisito de obtenção do grau de Licenciado em História.

Data de aprovação: 14/07/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Lucia Helena da Silva
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof^a Dra. Gisele Porto Sanglard
FIOCRUZ

Prof^a Ms Maria Lucia Bezerra da Silva Alexandre
FGV/RJ

NOVA IGUAÇU

2017



AGRADECIMENTOS

À faculdade foi um sonho há muito só no campo das ideias e com ela vivenciei diversas mudanças na minha vida. Além de muitos conhecimentos adquiridos.

Ao meu marido, amigo e companheiro nas horas difíceis e o maior entusiasta nas minhas conquistas e alegrias. Aos meus filhos William e Vitória, agradeço o fato de estarem sempre ao meu lado me apoiando, e entendendo as minhas ausências. A minha irmã Ana Paula pelos constantes incentivos.

A todos os meus queridos amigos, que entenderam as minhas ausências nos fins de semana, feriados, enfim...

À minha chefe Ana Ribeiro pelo apoio e incentivos.

À Professora Lucia, pela generosidade com que se propõe a orientar, incentivar.....

A todos os professores do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Instituto Multidisciplinar por compartilhar seus conhecimentos.

A Daisaku Ikeda meu mestre pelos incentivos constantes e quando estava triste e desanimada lembrava da sua história de vida e superação e sempre lia essa frase de sua autoria. “Seja como for, a grandiosa Revolução Humana de uma única pessoa irá um dia impulsionar a mudança total do destino de um país e, além disso, será capaz de transformar o destino de toda a humanidade”.

As minhas queridas amigas da Graduação, Lucilda Brandão e Ivonete Carmo pelos incentivos mútuos e também o carinho dos amigos Felipe Tito e Cláudio Lessa. Agradecimento especial à Lu que na reta, uma foi a base da outra, quando o cansaço pedia para interromper a caminhada.

Às funcionárias do CEDIM, Maria Lúcia e Simone que me auxiliaram diretamente nesse trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

À minha mãe in memoriam

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de construção do Hospital de Iguassú realizado pelos citricultores na década de 1930 articulando ao contexto político social do município. A construção do hospital será vista através do periódico local Correio da Lavoura

Palavras-chave: Hospital Iguassú – Citricultura – Nova Iguaçu – Correio da Lavoura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	2
CAPITULO I: A Baixada Fluminense nos anos 1930 – Sociedade Citricultora.....	4
CAPITULO II: Da Filantropia a política pública.....	14
2.1 Quem eram os filantropos na saúde no Brasil?.....	17
2.2 Da filantropia à política de saúde pública no Brasil.....	18
CAPITULO III: Hospital de Iguassú visto pelo Correio da Lavoura.....	20
CONCLUSÃO.....	33
BIBLIOGRAFIA.....	35
ANEXO.....	37

Quadro e Imagens

Figura 1 Rótulo e propaganda da época da citricultura em Iguaçu.....	5
Figura 2 Rua Marechal Floriano Peixoto, nº 2.071, em cujo sobrado estava a sede da Associação de Fruticultores de Iguaçu.....	9
Quadro 1 Comparação dos dados relativos ao número de propriedades agrícolas no município de Nova Iguaçu entre 1920 e 1940.....	11
Quadro 2 Produção de laranjas (caixas) em Nova Iguaçu no período de 1941 a 1945...12	
Quadro 3 Filantropos atuantes em IPAI, Liga, Fundação Gaffrée e Guinle e Fundação Oswaldo Cruz.....	16
Quadro 4 Personagens que participaram de mais de uma instituição Filantrópica	17
Figura 3 Foto do Lançamento da Pedra Fundamental do Hospital em 1931.....	25
Figura 4 Projeto do Hospital.....	25
Figura 5 Foto da praça Dr. João Pessoa ao lado do hospital em construção.....	28
Figura 6 Fotografia do Hospital de Iguassú em construção.....	29
Figura 7 Fachada do Hospital.....	30
Figura 8 Foto do Hospital de Iguassú.....	31

INTRODUÇÃO

O hospital de Iguassú foi construído pelos citricultores na década de 1930 com o discurso que visava amparar os menos favorecidos e pobres do município. A construção do Hospital de Iguassú deu aos citricultores a desejada notoriedade social, ainda imbuídos pela ideia de filantropia e caridade.

A fonte privilegiada é o Correio da Lavoura, o jornal mais antigo de Nova Iguaçu ainda em circulação. Em suas páginas foram registrados os principais acontecimentos do município, mas também eventos de outras partes do Brasil e do mundo. A constatação do muito que sabemos hoje sobre o município foi relatado semanalmente pelo periódico.

No período estudado, o jornal pertencia a Silvino de Azeredo, era direcionada a toda a população e trazia informações de utilidade pública como campanhas de vacinação, informativos da Prefeitura (informações sobre datas de pagamentos de taxas e tributos), além dos diversos anúncios, desde remédios para “dor de barriga”, receitas culinárias, espaço literário, informes sobre entretenimento de uma forma geral, até coluna informando a vida social (onde era citado casamento, nascimentos, falecimentos).

A leitura do Correio da Lavoura como fonte de pesquisa foi indispensável para evolução e conclusão do trabalho. Embora durante a pesquisa fosse verificado a ausência de 02 anos (compreendidos da edição 835 do Livro 16 e só recomeçando no Livro 18 na edição 940) nos arquivos pesquisados no CEDIM – Centro de Documentação e Imagem, situado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Campus Nova Iguaçu. A ausência desses 02 anos na pesquisa, deixa algumas lacunas a serem respondidas em relação a pesquisa, quem foi o arquiteto responsável pelo projeto do Hospital? Do início das obras até sua conclusão o arquiteto foi o mesmo?

Para o presente trabalho foi utilizado livros, teses, dissertação, monografia e artigos. A bibliografia utilizada traz um panorama geral sobre a cidade de Nova Iguaçu. A autora Segadas Soares discorre sobre o início, auge e declínio do ciclo da laranja. A autora lista dentre alguns fatores que contribuíram para o declínio foi o início da 2ª Guerra Mundial devido a queda brusca nas exportações. O último ciclo foi o mais

importante, pois lança Nova Iguaçu há patamares jamais alcançados. A cidade fica conhecida internacionalmente como a “Cidade Perfume” devido ao alcance e a projeção que a citricultura teve.

O trabalho compõe-se de três capítulos. No primeiro será feita uma breve abordagem da bibliografia referente a citricultura. O que foi constatado que é escassa a historiografia sobre o assunto, dentre os autores podemos citar Waldick Pereira em seu livro *Cana, Café e Laranja: História Econômica de Nova Iguaçu*, o autor cita que a economia de Nova Iguaçu foi pensada a partir de três ciclos: o da cana, o do café e o ciclo da laranja. Aqui vamos nos ater ao ciclo da laranja, respeitando o recorte do trabalho. Além de Pereira (1977), utilizamos Simões (2006) para discorrer sobre o desenvolvimento econômico da região com o aparecimento de novas classes sociais e o progresso que a região teve com a pomicultura.

No segundo capítulo refere-se a filantropia e os principais filantropos do período estudado e suas contribuições para a saúde pública. O objetivo do capítulo é apresentar , a partir de Sanglard (2005) como um grupo da “alta sociedade” imbuído de um ideal de ajuda ao próximo foi possível empreender grandes transformações na saúde pública no Rio de Janeiro, garantindo o crescimento da população com medidas de combate e controle das doenças.

O terceiro capítulo refere-se ao processo de construção do hospital e toda campanha liderada pelo Correio da Lavoura, liderado pelos citricultores norteados por ideias filantrópicas.

Capítulo I

A Baixada Fluminense nos anos 1930 - Sociedade Citricultora

Em virtude da decadência da cafeicultura no estado do Rio de Janeiro os produtores e os governos foram obrigados a buscar alternativas para sucedê-la, essa que sustentou as exportações e a economia fluminense durante todo Império.

A atividade fruticultora fluminense desenvolveu-se em torno do Recôncavo da Guanabara, as pequenas chácaras abasteciam com frutos as populações urbanas. A Baixada Fluminense¹ já no século XX configurou entre os principais polos fruticultores do país. Pereira afirma que:

Por todo o Brasil, desde o início da sua história, plantou-se laranjas. Os “pomos de ouro”, como classicamente se chamavam as laranjas, já eram demasiadamente conhecidos; entretanto sua cultura se limitava aos pomares e chácaras de fazendas, servindo até mesmo para alimentação de animais, quando aumentava a safra. (PEREIRA, 1977, p. 115)

O ciclo da laranja teve seu desenvolvimento e ápice no período compreendido entre 1920 e 1940. Apoiada pelo governo estadual surge à citricultura em escala mercantil no estado Fluminense. Proprietários rurais que enfrentavam problemas financeiros desde fins do século XIX, foram favoráveis a introdução da citricultura em Nova Iguaçu. A cidade de Nova Iguaçu era o então povoado de Maxambomba.

Em 1916, o deputado estadual Manoel Reis propõe e aprova o projeto de lei que mudou o nome de Maxambomba para Nova Iguassú², a nova sede administrativa do município de Iguaçu. O adjetivo “nova” apontava uma mudança, sem desprezar o passado. A nova elite rural que nascia com a cultura da laranja desejava não estar diretamente vinculada a velha elite decadente. Saiu de cena os barões escravistas e comendadores e entram os citricultores. Mais tarde em 1919 é constituída a prefeitura municipal.

A laranja encontrou nas terras da Baixada Fluminense clima quente e úmido, relevo e solo próspero ao seu cultivo. Além da localização próxima da estrada de ferro que possibilitava o escoamento da produção e o apoio governamental tanto à produção como à exportação. Estes fatores foram facilitadores do seu cultivo.

1 Conceito originalmente vindo da geografia, que serve para designar um pedaço de terra localizado na margem ocidental da Baía da Guanabara. (Simões 2007)

2 ² Lei Municipal número 1.331, de 9 de novembro de 1916.

Segundo Rodrigues:

Inicialmente, a laranja foi plantada em São Gonçalo e foi trazida para Nova Iguaçu no último quartel do século XIX. Os locais utilizados para o plantio da laranja em Iguaçu foram os mesmos utilizados para o café, pois, quando este entrou em decadência, as fazendas que abrigavam as plantações substituíram essa cultura por outras de subsistência, como o feijão, a mandioca e o milho, ou foram abandonadas. (RODRIGUES, 2006, p.39)

Nova Iguaçu foi um lugar que fomentou o desenvolvimento da citricultura e podemos citar os fatores geográficos, climáticos e políticos como determinantes para o sucesso da mesma. Pereira (1977) destaca que “A terra e o clima iguaçuanos se revelaram surpreendentemente excelentes para citricultura, proporcionando um fruto mais saboroso e de ótima apresentação, características que fizeram da laranja de Nova Iguaçu a primeira em qualidade no Brasil e no mundo”. (PEREIRA, 1977, p. 118)

Fig.01 Rótulo e propaganda da época da citricultura em Iguaçu



Fonte: PEREIRA, 1977, p.119.

A existência de um mercado consumidor foi o elemento de maior significância para implantação da cultura da laranja, toda produção foi sendo absorvida pelo mercado

já existente, e chamou a atenção de capitalistas da cidade do Rio de Janeiro para investir na região. Segundo Soares:

De várias formas se manifestaria a participação desses capitais, contribuindo decisivamente para o surto do ciclo citrícola em Nova Iguaçu, quer financiando a constituição de laranjais para obtenção da fruta para a exportação quer pela compra de grandes áreas para fragmentação e venda, sob a forma de chácaras já plantadas com laranjeiras, quer pela aquisição e plantio de imensas propriedades com laranjais, quer, ainda, pela instalação em certos pontos da região e, principalmente, na cidade, de packing-houses³ - os barracões - para beneficiamento do produto. (SOARES, 1962, p.205).

A proximidade com a estrada de ferro EFCB e sua estação que possibilitava o escoamento da produção e o apoio dos governantes à produção, além de um incentivo oficial as exportações, fez com que a região fosse considerada propícia para a cultura da laranja. O plantio da laranja era realizado em chácaras que ocupavam a área de quatro antigas fazendas, são elas: Madureira, Tinguá, São José e Morro Agudo. Quanto a esta última, segundo Dutra:

A fazenda Morro Agudo que pertencia ao Comendador Soares⁴, após sua morte a fazenda foi doada por seu neto Francisco Luiz Soares de Souza Mello, quando do seu falecimento em 24 de agosto de 1916, para a Santa Casa de Misericórdia, porém permitindo o usufruto⁵ de seus parentes. Os beneficiários arrendaram ou venderam partes da fazenda, apesar de ser ilegal, pois a fazenda era apenas para usufruto. A Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, sendo proprietária das terras, um tempo depois também passou a arrendar e vender partes da fazenda para a citricultura. (DUTRA, 2014, p. 11-12)

Os presidentes (governadores) Alberto Torres e mais ativamente Nilo Peçanha⁶ grandes estimuladores da diversificação da agricultura, inclusive com políticas públicas voltadas para a policultura. Segundo Rodrigues, “A localidade de São Mateus passa a denominar-se Nilópolis em homenagem a Nilo Peçanha que foi incentivador destacado da citricultura. A homenagem prestada a Nilo Peçanha demonstra a importância que os laranjais tiveram no desenvolvimento da região” (RODRIGUES, 2006, p.39)

3 Os packing houses, casas de empacotamento, ou barracões, era o nome dado aos estabelecimentos que realizavam o beneficiamento dos frutos. Eram extensos galpões, aparelhados com máquinas que lavavam, secavam, poliam e separavam os frutos por tamanho e qualidade e depois os embalava nas caixas, para serem exportados.

4 Francisco José Soares foi um dos grandes empreendedores da região. Entre seus investimentos comerciais se encontravam padarias, portos a receberem fretes e arrematantes de barreiras. Faleceu em 1874. (DUTRA, 2014, p. 07)

5 A doação de um bem com reserva de usufruto tem o objetivo de garantir que este não seja vendido pelo beneficiado da doação, garantindo assim, renda ou moradia ao usufrutuário (quem tem o direito de usufruir do bem). Ou seja, o beneficiado da doação só poderá ter plenos direitos sobre o bem, após a morte de todos os usufrutuários, e estes possui apenas o direito de usufruir o bem, e não de vendê-lo. (DUTRA, 2014, p. 12)

6 O primeiro governo de Nilo Peçanha no Rio de Janeiro ocorreu entre 1903-1906 e o segundo entre 1915-1917, após ter assumido a Presidência da República, entre 1909-1910. http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/aeravargas1/biografias/nilo_pecanha. Acessado em 25/02/2017

Nilo Peçanha com o apoio do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC) pretendia com o Projeto de diversificação que foi seu carro-chefe a substituição gradativa da monocultura neste caso o café, a adoção de mão de obra nacional e incentivo as novas culturas para atender as necessidades internas, somente no pós 30 Nova Iguassú seria a protagonista da recuperação econômica.

No período em que foi presidente (entre 1909 e 1910) do Brasil, Nilo Peçanha trabalhou junto à Argentina para instituir a reciprocidade na isenção de direitos aduaneiros sobre o comércio de frutas entre os dois países. Atuou também para baixar o frete e por melhores condições de conservação da laranja durante o transporte.

Segundo Pereira:

É verdade que a administração municipal jamais pensou em favorecer a expansão da citricultura por um programa político-econômico que resultasse na hegemonia de Nova Iguaçu nesta região agrícola fluminense. As leis emanadas da Câmara Municipal, que incidiam sobre a laranja; obtiveram somente o aumento da arrecadação de impostos. (PEREIRA, 1977, p. 118)

O desenvolvimento e as transformações ocorridas no município de Nova Iguaçu deram-se em torno de seu principal produto: a laranja, “implantação da citricultura foram marcos na configuração da história de Iguaçu, com repercussões importantes sobre os projetos e sentidos atribuídos”. (DIAS, 2012, p. 42).

A lavoura iguaçuana foi beneficiada pelos projetos de saneamento desenvolvidos em 1910 durante o pequeno período que ficou à frente do governo Federal, Nilo Peçanha institui a Primeira Comissão⁷ Federal de Saneamento da Baixada Fluminense. A região era conhecida pelas doenças como impaludismo, com áreas alagadiças e pantanosas, a modernização do campo passava por essas medidas de saneamento.

A comissão fixou a ideia de que as terras da baixadas eram férteis e necessitavam de duas ações: a extinção das doenças endêmicas, principalmente a malária e o tratamento das terras férteis para a agricultura, levando saneamento e higiene à população.

O saneamento é visto como forma de resolver as questões econômicas uma vez que áreas improdutivas e insalubres passam a ser ocupadas, desenvolvendo-se economicamente e ficando livre das doenças. “Segundo Fadel (2006) o modelo de enfrentamento da questão de saneamento proposto pela Comissão Federal de Saneamento da Baixada “desloca o foco dos médicos para os engenheiros, e

⁷ A primeira que se tem notícia foi a de 1883 ainda no Império, mas seria na República que as comissões de saneamento se tornariam constante.

consequentemente do indivíduo (higiene) para o ambiente”. (FADEL apud CRIVELLO, 2011, p.30).

Silva afirma que:

Após a existência de várias comissões, um discurso sobre a Baixada estava consolidado, não só onde o processo de urbanização estava ocorrendo com celeridade (atuais Caxias e Nilópolis), mas para toda a região, tendo saneamento como a principal ação de recuperação do território, garantindo a salubridade que induziria a ocupação territorial e o desenvolvimento econômico. Em torno desse discurso, criado no espaço das comissões, os grupos políticos do Estado do Rio e do Município de Iguassú disputaram a criação da prefeitura em 1919. (SILVA, 2014, p.295)

Para dar conta de todo o plantio da laranja em escala comercial foi necessário toda uma infraestrutura de transporte, manuseio, fabricação de caixa até o tratamento e acondicionamento dos frutos para exportação, com essa demanda foi natural a geração de empregos especializados na região. Como afirma Rodrigues “Nova Iguaçu tornara-se então o novo “eldorado” e atraía gente de todo país. (RODRIGUES, 2006, p.40)

O sistema de trabalho adotado na maioria das fazendas incluía um grande número de assalariados e meeiros⁸. O que se verificou foi um aumento inesperado da população rural. Entre 1920 e 1940, a população do município elevou-se de 33.396 para 104.606 habitantes. Em duas décadas isso foi um aumento estrondoso.

Segundo Soares:

Fracionamento intenso da terra, afluxo de população para a zona rural, laranjais que se multiplicavam cada vez mais, fortunas que surgiam rapidamente, ligadas, principalmente, ao beneficiamento e à exportação da laranja, tudo, enfim, representava riqueza para uns, prosperidade para outros, trabalho para muitos. Ano para ano, crescia, em grandes proporções, a área ocupada pelos laranjais. (SOARES, 1962, p.207).

No início não foi a administração municipal que promoveu a valorização da citricultura, a Câmara só objetivava os lucros com a arrecadação dos impostos. Foram os produtores que reivindicaram junto aos poderes públicos melhorias no transporte ferroviário, incentivos, construção de estradas e diminuição de impostos.

⁸ Diz-se do agricultor que trabalha em terras que pertencem a outra pessoa. Em geral o meeiro ocupa-se de todo o trabalho, e reparte com o dono da terra o resultado da produção. O dono da terra fornece o terreno, a casa e, às vezes, um pequeno lote para o cultivo particular do agricultor e de sua família. Fornece, ainda, equipamento agrícola e animais para ajudar no trabalho. Adubos, inseticidas e adiantamentos em dinheiro podem ocasionalmente ser fornecidos pelo dono da terra. No Brasil, a agricultura de meação ainda é muito praticada, principalmente nas regiões mais atrasadas. <http://www.dicionarioinformal.com.br/meeiro/>. Acessado em 26/02/2017

Os plantadores e exportadores de laranja se organizaram de tal forma que em 1923 é fundado o Sindicato Agrícola de Iguaçu, o farmacêutico Sebastião Herculano de Mattos foi o primeiro presidente.

Fig.02. Rua Marechal Floriano Peixoto, nº 2.071, em cujo sobrado estava a sede da Associação de Fruticultores de Iguaçu



Fonte: PEREIRA, 1977, p.127.

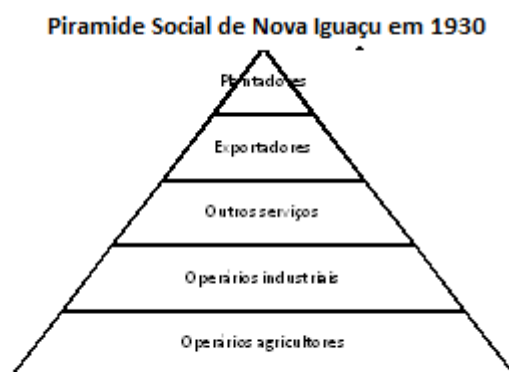
Por recomendação Ministério da Agricultura em 1924, o sindicato mudaria seu nome para Associação dos Fruticultores de Nova Iguaçu.

Nova Iguaçu prosperava, em 1927 o município exportava 46 milhões de laranjas para o Rio da Prata e 10 milhões para a Europa, e uma parte da produção foi para os mercados do Rio de Janeiro, São Paulo e Santos. (FORTE apud SOARES, 1962, p. 207)

Embora o crescimento da população não acompanhasse as necessidades básicas de saneamento básico, fornecimento de água tratada, não houve qualquer planejamento nesse sentido do governo municipal.

A administração municipal realizaria melhorias nas estradas e construção de novas ruas para atender a todo o fluxo em função da citricultura. Em 1931 na administração de Arruda Negreiros foram entregues a população quatorze estradas de rodagem numa extensão aproximada de 90 quilômetros e foi também realizada um serviço de conservação das mesmas. Houve iniciativa privada também nessa ação.

No fim de 1931 já funcionavam no município 13 packing houses, cinco deles no centro, outros cinco em Morro Agudo e três em Cabuçu e Austin. A pirâmide social-econômica da citricultura era assim representada.



Fonte: PEREIRA, 1977, p.140.

Em geral os estabelecimentos agrícolas eram de até 40 hectares. Houve um aumento gradativo das propriedades com êxito do plantio na laranja, conforme podemos verificar na tabela 1.

Na década de 30 houve acelerado progresso em Nova Iguaçu e podemos citar como exemplo:

- Inauguração de quatorze estradas
- Tração elétrica da Estrada de Ferro D. Pedro II
- Criação do Serviço de Saneamento da Baixada Fluminense⁹

⁹ Lei Federal número 248, de 16 de setembro de 1936.

- Instalação da indústria secundária da citricultura
- Construção do hospital Iguassú, inaugurado em 31 de março de 1935
- Instalação dos primeiros estabelecimentos bancários
- Fundação das primeiras entidades de classe
- Existência de cinco cartórios no município em 1935
- Instalação dos primeiros estabelecimentos industriais (10 de cerâmica, 2 de banha, 2 de explosivos, 2 de produtos químicos, 1 de biscoito, 1 de cerveja e 1 de curtume) – 19 indústrias estavam funcionando em Nova Iguaçu e 07 das quais sediadas em Nilópolis. (PEREIRA, 1977, p.143)

Quadro 1 - Comparação dos dados relativos ao número de propriedades agrícolas no município de Nova Iguaçu entre 1920 e 1940.

Tamanho dos Estabelecimentos	1920	1940
Até 40 hectares	213	1.451
De 41 a 200 hectares	29	62
Mais de 200 hectares	38	18

Fonte: SOARES, 1962, p. 206.

A cada dia maior era o número de pessoas que se dedicavam à laranja quer nascidos no próprio município, de outros municípios do estado do Rio de Janeiro, de outros estados ou até mesmo do estrangeiro. Como afirma Soares:

Tais números expressam bem o grande afluxo de pessoas para as lides agrícolas na região mais próxima da cidade, merecendo ser acentuada a contribuição do elemento luso, que afluiu em grande número ao município, quer espontaneamente, comprando ou arredando sítios, quer trazidos, por seus compatriotas enriquecidos, diretamente de Portugal para o trato dos laranjais. (SOARES, 1962, p.207).

Por sugestão do Ministério da Agricultura em 1939, a associação dos Fruticultores passa por uma série de revisão em seus estatutos com uma nova denominação a de Associação Rural de Nova Iguaçu, e Sebastião Herculano de Mattos mantido na presidência.

No período de 1930 a 1939 com o sucesso internacional da citricultura iguaçuana, fomos apelidados de “Cidade Perfume”. Em 1939 a produção estava em maior parte voltada para a exportação principalmente a Europa.

A 2ª Guerra Mundial surge no mesmo ano, com isto houve a baixa da exportação do produto, restando apenas Argentina. Soares cita fatores que contribuíram para o declínio da lavoura de laranja:

Problemas graves, decorrentes ou não do conflito mundial, iriam afetar as possibilidades que restavam à citricultura brasileira para a colocação do produto. Quanto ao mercado externo, esses problemas resultaram da imprevidência daqueles que deixaram o transporte de um produto de exportação inteiramente a cargo de navios frigoríficos de companhias estrangeiras e não cuidaram da construção de um grande frigorífico no porto. Este não só facilitaria a exportação impedindo que o fruto se estragasse por falta de transporte, mas também agiria de modo regulador, impedindo que o abarrotamento do mercado argentino, em certas épocas, fizesse baixo extraordinariamente o preço do produto. O transporte dentro do próprio país, das chácaras produtoras aos pontos de embarque ferroviário, através de caminhões, tornou-se, também grave problema pela escassez de combustível, pelo seu custo crescente no mercado negro e pelo seu racionamento. O transporte ferroviário deficiente impedia, também, melhor distribuição do produto no mercado interno e mesmo a ampliação deste. (SOARES, 1962, p.213 – 214).

Houve também fatores biológicos em função da não colheita e limpeza dos pomares, ocasionando o apodrecimento das frutas nos pés, originando dessa forma a praga conhecida como mosca do mediterrâneo, o aparecimento dessa praga nos laranjais levou a uma expressiva queda na produção. Conforme quadro abaixo:

Quadro 2 – Produção de laranjas (caixas) em Nova Iguaçu no período de 1941 a 1945

Ano Safras	Mercado Externo	Mercado Interno	Total Caixas	Valor em Cr\$ 1.000
1941	888.844	665.800	1.554.644	38.217
1942	553.142	690.000	1.243.142	22.810
1943	546.173	580.000	1.126.175	23.108
1944	550.161	610.000	1.160.161	22.916
1945	554.147	780.000	1.334.147	29.966

Fonte: PEREIRA, 1977, p.144.

Com o fim da 2ª Guerra Mundial em 1945, o mercado consumidor de laranja na Europa havia aberto suas portas novamente, mas a produção de laranja estava desarticulada. Soares afirma que:

Ao findar o conflito mundial, a situação da citricultura nacional era calamitosa, a produção reduzira-se de 50% e a qualidade da fruta estava muito prejudicada. Os pomares que haviam restado, maltratados e prejudicados pelas pragas, apresentavam rendimento baixíssimo. A produção não satisfazia sequer as limitadas necessidades do mercado interno. (SOARES, 1962, p. 214).

A queda do consumo no mercado externo, transporte ferroviário ineficiente, a proibição da exportação da fruta, Junta Reguladora do Comércio da Laranja, órgão que deveria proteger, o que não o fez, sendo abolido pelo governo, foram alguns fatores que levaram ao fim do ciclo da laranja. A saída encontrada pelos citricultores endividados

foi a venda ou aluguel das terras. Era o início da urbanização acelerada na região antes ocupada pela laranja.

CAPÍTULO II

Da filantropia a política pública

Filantropia significa desprendimento, generosidade com o outro. É a atitude de ajudar o próximo, de estender a mão, seja ela através de donativos, como roupas, comida, dinheiro, etc. É um termo de origem grega, que significa "amor à humanidade".

A prática da assistência sempre esteve presente na história da humanidade. O auxílio geralmente era direcionado aos pobres, deficientes, andarilhos e doentes de uma forma geral. Essas ações eram realizadas principalmente nas igrejas, conventos ligados a fé cristã, e por instituições privadas com finalidades sociais e de diferentes credos.

A filantropia tem uma “utilidade social” sem vínculo com a piedade; já a caridade é inerente a uma convicção de ajudar ao próximo, é um sentimento de compaixão e compadecimento mediante a dor, miséria ou sofrimento alheio, com conexão ao amor fraterno em Deus, auxílio aos pobres e desprotegidos.

Sanglard elenca outra diferença entre caridade e filantropia, o anonimato.

Outra diferença que podemos notar é que na caridade o anonimato é um valor importante, pois o gesto é de abnegação. E para a realização de suas obras recorrem à intermediação da Igreja (esmolas) ou das irmandades – instituições laicas, mas de devoção – que realizam as obras de caridade: distribuição do pão, da sopa, de agasalhos, manutenção de hospitais, asilos, orfanatos, entre outras ações. Já a filantropia, para pôr em prática suas obras de utilidade social, necessita da reunião de pessoas que “participam de um mesmo movimento de expressão e de identidade do doador: elas se remetem às convicções, o situam em um espaço social, o inscrevem no seio de um grupo de relações” (Duprat, 1996, p.V-VI). (SANGLARD, 2010, p. 128).

Com base na citação podemos perceber que o grupo citricultor ao se reunir para por em prática a construção do hospital, ao mesmo tempo em que reafirmava a utilidade do empreendimento, colocavam-se como grupo organizado, criando uma “identidade de doador”.

A Santa Casa de Misericórdia teve um papel muito importante na saúde pública na cidade do Rio de Janeiro. Até o início do século XX o atendimento médico estava muito dependente das ações dessa instituição. No início dos anos 1920 algumas mudanças na área da saúde foram implantadas por Carlos Chagas (1919-1926): dentre elas à reforma da Saúde Pública, a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública - DNSP, ambos em 1919 e das dez inspetorias sanitárias.

Essa dependência existia porque a Santa Casa de Misericórdia organizava e administrava o atendimento e o socorro aos pobres nos hospitais. Função que só após as mudanças nas diretrizes de saúde e com a criação do DNSP, o Estado passaria a ter a responsabilidade pela organização dos hospitais e auxílio à população pobre.

Historicamente, o amparo aos pobres era feita por instituições como igrejas, conventos e organizações de diferentes credos. Era de responsabilidade dessas instituições a organização do auxílio aos menos favorecidos. Esse o acolhimento era direcionado aos idosos, crianças abandonadas, doentes e parturientes, desde a colônia.

Sanglard afirma:

Ao pensar sobre assistência médica no Brasil, a imagem que sobrevém quase que instantaneamente é a do Hospital da Santa Casa da Misericórdia. Tal associação explica-se porque as ações pias de irmandades e ordens terceiras são inerentes à tradição portuguesa de assistência, desde o período medieval, e o império português reproduziu, em suas colônias, a assistência tanto médica quanto social (a órfãos, prisioneiros, doentes, loucos etc.), as quais se baseavam, sobretudo, nos trabalhos da Santa Casa da Misericórdia. Apesar de sua importância e hegemonia nas questões relativas à assistência em Portugal e no ultramar, não se pode esquecer que outras irmandades e também ordens terceiras mantinham, tanto na metrópole quanto na colônia, hospitais para a realização de suas obras de caridade, porém com acesso restrito aos irmãos e seus dependentes. (SANGLARD, 2005, p. 47).

O século XIX acompanharia mudanças no funcionamento da Santa Casa da Misericórdia.

O século XIX traz modificações substanciais ao cotidiano e ao funcionamento do Hospital da Misericórdia. Até então o hospital mantinha um corpo restrito de funcionários e seu atendimento pouco o diferenciava dos hospitais tradicionais, depositários das misérias humanas: em suas enfermarias conviviam loucos, incuráveis, portadores de doenças contagiosas e expostos. A pouca distância ficava o Recolhimento das Órfãs, que ganhou espaço próprio ainda em 1743. Dentre as alterações percebidas há o questionamento do espaço do hospital, que passa a ser considerado insalubre; os melhoramentos empreendidos no hospital; e a criação da Faculdade de Medicina (1808), que se instalou em suas dependências. (SANGLARD, 2005, p. 50).

A filantropia no século XIX era destinada aos miseráveis, presos, loucos, desprotegidos. Era uma assistência médica e social, que visava prover ao outro uma misericórdia imediata.

A faculdade de Medicina instalada nas dependências do Hospital da Santa Casa da Misericórdia trazia à tona conflitos entre os médicos e as freiras, pois competia as freiras a administração, supervisão das compras e atendimento aos doentes (banho, alimentação), essas eram algumas de suas funções caritativas, além da organização das missas e do apoio aos doentes na parte espiritual.

Estava em curso um processo de medicalização no hospital, (ensino clínico na Faculdade de Medicina). Médicos e freiras divergiam no cuidado com os doentes e também na forma como era feita a administração do hospital, que possuía em seu quadro, profissionais sem qualificação. Isso ocorria porque a administração do hospital não competia aos médicos. Processo longo onde o controle e administração passam as “mãos dos médicos” no Rio de Janeiro, isto ocorreria por volta da década de 1920.

O instituto Pasteur é criado em 1888 foi pioneiro em pesquisa científica. Questões como prevenção, a cura e higienismo refletem aqui no Brasil, o foco dos médicos e sanitaristas buscando controlar as doenças para manter uma sociedade salubre. Higienismo surge para combater sucessivas ocorrências de surtos epidêmicos de algumas doenças, como por exemplo: febre amarela, tuberculose.

No início dos anos 1920 foram estabelecidas por Carlos Chagas algumas mudanças na área da saúde, uma delas foi a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública – DNSP, onde o Estado inicia a administração e organização dos hospitais e amparo aos pobres. Segundo a autora “No caso específico do Rio de Janeiro, o processo de ruptura com o padrão da assistência médica herdado da colonização portuguesa começa a ser delineado com a Reforma da Saúde Pública de 1920, conduzida por Carlos Chagas”. (SANGLARD, 2005, p. 4)

Sanglard (2010) cita vários filantropos de diversas áreas, atuantes na saúde, sejam no Instituto de Proteção e Assistência à Infância (IPAI), na Fundação Oswaldo Cruz ou na Fundação Gaffrée e Guinle

Quadro 3: Filantropos atuantes em IPAI, Liga, Fundação Gaffrée e Guinle e Fundação Oswaldo Cruz

Por ocupação	Quantidade aprox.
O Engenheiros	10
Médicos	30
Jornalistas	5
Nobres	12
Advogados	2
Industriais	6
Senhoras	68
Comerciantes	1
Comendadores/conselheiros	4
Republicanos – 1889	3
Militares	17
Presidentes da República	4
Senadores/deputados/intendentes	7
Ministros	4

Eclesiásticos	3
Poetas	1
Total	167

Fonte: Sanglard, 2010, p. 132.

2.1 Quem eram os filantropos na saúde no Brasil?

Podemos citar o industrial Guilherme Guinle que foi um dos principais filantropos da saúde nos anos 20, assim como ele existiam tantos outros beneméritos. Na Primeira República temos vários exemplos de ações filantrópicas voltadas para a saúde na cidade: a criação do Instituto de Proteção e Assistência à Infância – Ipai, criado pelo médico Arthur Moncorvo Filho em 1899; também em 1899 pelo médico Luiz Barbosa a Policlínica de Botafogo; a criação em 1900 da Liga Brasileira contra a Tuberculose que teve dentre seus fundadores o jurista e filantropo Aaulfo de Paiva; criação da Policlínica das Crianças (1909) e do Hospital São Zaccharias (1914), ambos pela Misericórdia carioca; criação da Fundação Oswaldo Cruz em 1922; criação do Hospital Gaffrée e Guinle (1924-1929) e do Hospital e Instituto do Câncer (1927-1936) por Guilherme Guinle.

Essas ações sociais eram realizadas por de pessoas da alta sociedade carioca que queria imprimir seus nomes nesse corpo social. No Quadro 2 podemos constatar os benemerentes que participaram de mais de uma instituição.

Quadro 4: Personagens que participaram de mais de uma instituição

Nome	Ocupação	Participações	Posição
A.G. Paulo de Frontin	Engenheiro	Liga F. Gaffrée e Guinle	Fundador; Cons. Consultivo
Aaulfo N. de Paiva	Jurista	Liga F. Gaffrée e Guinle	Presidente Perpétuo; Cons. Consultivo
Carlos Chagas	Médico	Liga F. Gaffrée e Guinle F. Oswaldo Cruz	Cons. Admin.
Clementino Fraga	Médico	F. Gaffrée e Guinle F. Oswaldo Cruz	
Eduardo Rabello	Médico	F. Gaffrée e Guinle F. Oswaldo Cruz	Cons. Admin.
Gabriel Ozório de Almeida	Engenheiro	Liga F. Gaffrée e Guinle	Cons. Consultivo Cons. Consultivo
Guilherme Guinle	Industrial	Liga F. Gaffrée e Guinle F. Oswaldo Cruz	Doador Cons. Admin. Presidente Honra
João de Oliveira Pereira Jr.	Médico	Liga F. Gaffrée e Guinle	Secr.-geral Testemunha acordo
Miguel Couto	Médico	Liga F. Gaffrée e Guinle F. Oswaldo Cruz	Cons. Consultivo Cons. Consultivo

Fonte: Sanglard, 2010, p. 134.

Segundo a autora Sanglard:

A presença em mais de uma instituição filantrópica reflete mais os projetos nos quais cada um deles, individualmente e em grupo, estavam envolvidos, e menos os propósitos de cada uma das instituições, pois, como visto anteriormente, todas envolviam reconhecidos flagelos sociais e tinham a cidade como palco das ações. Assim, quem eram esses homens?

Ataulfo de Paiva e Guilherme Guinle são personagens sínteses da filantropia nesse período. O primeiro, jurista e filantropo, esteve envolvido com a Liga Brasileira Contra a Tuberculose (Nascimento, 2002). Foi também defensor do mutualismo no Brasil (Paiva, 1916) e da assistência liberal, tendo participado de diversos congressos de assistência pública e privada.

Já Guilherme Guinle apostou seu capital político, social e financeiro no projeto de saúde pública defendido por Carlos Chagas na década de 1920 (SANGLARD, 2010, p. 133).

Eram homens ricos e que viam na filantropia uma forma de mitigar o sofrimento alheio, cada um com seu perfil e projetos diferentes, mas que convergiam para a cidade e para a saúde o seu foco de atuações. Um exemplo disto são dois filantropos que estavam envolvidos em dois projetos em comum (Liga Contra Tuberculose e Fundação Gaffrée e Guinle).

A relação entre os dois surgiu da mesma forma como os Guinle se aproximaram de Carlos Chagas, o que resultou, entre outras ações, na criação do Hospital e Instituto do Câncer no Rio de Janeiro: por questões de negócios. Ataulfo de Paiva esteve à frente, como juiz, de algumas das contendas que envolveram os Guinle nos primeiros anos do século XX, notadamente aquelas que opuseram a Companhia Brasileira de Energia Elétrica (CBEE) e a Light pelo controle da energia elétrica e do transporte de bondes na cidade do Rio de Janeiro e em outras capitais. (SANGLARD, 2010, p. 134).

Médicos e filantropos tinham o mesmo objetivo de controle e erradicação das doenças através de atuação direta na fonte do problema. Medidas profiláticas foram adotadas e novas técnicas foram implantadas. Com os médicos assumindo a direção dos hospitais, não cabia mais a utilização de técnicas ultrapassadas e mão de obra sem qualificação como ocorria quando era da gestão da igreja os hospitais.

2.2 Da filantropia à política de saúde pública no Brasil

No início dos anos 1920 com as diversas mudanças estabelecidas por Carlos Chagas, tais como a criação das dez inspetorias de profilaxia, dentre elas a Inspeção de Tuberculose e Inspeção de Profilaxia da Lepra e das Doenças Venéreas, com objetivo de coordenar ações profiláticas, com medidas preventivas para evitar e preservar a saúde da população. As outras Inspeções eram: Fiscalização de Gêneros Alimentícios; Engenharia Sanitária; Estatística Demográfico-Sanitária; Fiscalização do Exercício da Medicina, Farmácia, Arte Dentária e Obstetrícia; e de Profilaxia Marítima.

O Departamento Nacional de Saúde Pública – DNSP era composto por uma diretoria Geral e três outras diretorias, a de Serviços Sanitários Terrestres na capital federal, a de Defesa Sanitária Marítima e Fluvial e a de Saneamento e Profilaxia Rural.

Durante o Governo Provisório Getúlio Vargas foi criado em 14 de novembro de 1930 o Ministério da Educação e Saúde Pública. Até então não existia uma política nacional de saúde pública. O Estado vai atuar em dois focos: na saúde pública restrita a campanhas sanitárias e na medicina previdenciária com a criação das IAP's – (Institutos de Aposentadorias e Pensões) e CAP'S – (Caixas de Aposentadorias e Pensões), com objetivo de cobrir riscos ligados a perda da capacidade de trabalhar (velhice, morte invalidez e doença).

O Estado passou a atuar diretamente na administração das políticas públicas voltadas para a saúde da população. O foco do atendimento era os trabalhadores “os operários”, medidas preventivas foram realizadas a fim de manter a classe trabalhadora “ativa e sadia” mantendo a economia girando e crescendo. Os pobres também eram atendidos, mas o foco nesse momento não eram somente eles. O discurso privilegiava o trabalhador.

A filantropia teve seu papel marcante no auxílio aos desprovidos de recursos. Foi possível perceber que diversos filantropos contribuíram, de uma maneira geral, para uma sociedade que buscava na profilaxia o combate as diversas moléstias. Em pleno momento de transição da responsabilidade da gestão da saúde para o Estado, os citricultores veem no discurso da filantropia e caridade a oportunidade de deixar sua marca na sociedade que prosperava em função da cultura laranja.

No próximo capítulo veremos como o discurso da filantropia também é reafirmado no periódico Correio da Lavoura, principal veículo dos citricultores.

CAPITULO III

Hospital de Iguassú visto pelo Correio da Lavoura

Foram nas colunas do Correio da Lavoura que a partir de 1922 teve início a campanha pela fundação de um hospital no distrito-sede. Foi uma longa campanha iniciada em 1922 para finalmente ser concretizada em 1935. O jornal citava a existência de hospitais públicos ou privados em todas as cidades do estado do Rio, exceto em Nova Iguaçu. Segundo o periódico, a cidade precisava de um hospital para atender a sua população carente, doentes e aos indigentes que necessitavam da caridade pública.

O semanário foi idealizador da campanha pela construção do hospital, suas matérias geralmente de primeira página, clamavam ao poder público, ao “espírito de caridade” da sociedade e ao apoio dos mais abastados pela contribuição na construção para atender a população local sem recursos financeiros.

A matéria de capa da edição de 19 de outubro de 1922, trazia o seguinte título “A necessidade de um hospital em Nova Iguassú”, nela o jornal afirmava a necessidade da fundação de uma casa de caridade em Nova Iguaçu, defendendo que os maiores beneficiários eram os doentes sem recursos financeiros e os indigentes. O jornal citava que: “Não há, no Estado, uma cidade que já não disponha de um hospital, seja por iniciativa particular ou por deliberação do governo. Barra Mansa, Campos, Rezende, etc; bem como todas as grandes cidades do Estado, dispõem hoje de excelentes casas de caridade”¹⁰.

A criação de um hospital para atender a população local, seria uma necessidade de primeira ordem, uma vez que a cidade vivia um momento de crescimento e um aumento considerável da população”.

Argumentos para a fundação do hospital não faltavam, até para os que visitavam a cidade era de admirar que ainda não possuía um hospital ou uma casa de caridade capaz de abrigar e amparar os doentes. E quando por fatalidade acontecia um desastre nas proximidades do centro do município as vítimas ficavam sem atendimento.

“Vítimas, por falta de um hospital, ficam a morrer a espera do primeiro socorro? E quantos, como temos visto, não se deixam morrer em lugares afastados do centro, sem a assistência médica e recursos de espécie alguma na desoladora certeza de que em Nova Iguassú não há um hospital para os recolher?” Para execução do nobre empreendimento, o apelo se daria a todos os níveis, desde apoio dos poderes públicos, homens ricos e famílias influentes

10 ¹⁰ Correio da Lavoura, 19 out 1922.

na região. “A caridade é o caminho mais reto que nos conduzirá ao seio de Jesus. Sem ela, o homem jamais alcançará o grau desejado de perfeição. Sêde caridosos si quereis merecer as graças de Deus”. A matéria finalizava com a frase: “Fundemos, pois, um hospital em Nova Iguassú” (Correio da Lavoura de 19/10/1922)

As matérias iniciais publicadas no periódico legitimavam a ideia de criação e a destinação do hospital para o atendimento aos desprovidos de sorte, promovendo então a “caridade” e a “misericórdia divina”. A afirmação que a população poderia prescindir de tudo, menos de uma casa de saúde ficava cada vez mais evidente em cada nova edição do jornal. Reiteradamente era lembrado da necessidade da fundação de um hospital, impondo-se uma urgência de não se perder mais tempo.

“Há em todas as cidades hospitais e até casas de saúde não propriamente custeados pelos governos, mas que sempre gozaram das subvenções oficiais, e é justamente o que se deveria fazer em Nova Iguassú por iniciativa particular. Do contrário, continuaremos, de outro lado, a oferecer um atestado deplorável da nossa incúria, distanciando-nos das mais pequenas cidades do interior, onde a fundação de hospitais foi sempre a maior preocupação de todos, porque ela afeta, tão de perto, os interesses de uma população” (Correio da Lavoura, 09/11/1922)

Na edição do dia 01 de fevereiro de 1923, um artigo intitulado “A Questão Hospitalar” se referia a visita a Cuba (Havana) pelos médicos Nascimento Gurgel e Gustavo Riedel onde foram representar o Brasil no Sexto Congresso Médico Latino - Americano, que ali se realizou. O jornal relatava que os médicos viram estabelecimentos hospitalares tão aperfeiçoados que rivalizam com os mais notáveis no gênero de todo o mundo. Voltaram, segundo o jornal, tão deslumbrados de lá, que não puderam esconder a sua desmedida admiração por tudo quanto observaram na “menor república da América”.

As informações desses médicos, de volta de sua missão, à imprensa, repercutiram principalmente como índice de progresso daquele povo, ainda mais se comparando com uma impressão desoladora da região da Baixada, tão rica e tão grande, estava infinitamente distante daquela república em questões de cirurgia e em matéria de hospitais. Finalizando a matéria:

Como se vê, estamos metidos num chinelo. Enquanto morrem na rua da Capital centenas de indigentes, a pequenina Cuba se edifica e forma, hoje, ao lado dos povos mais civilizados. Nova Iguassú continua à espera de que algum coração generoso se lembre de doar com uma casa de caridade. Já aventamos a ideia de se fazer um apelo a caridade pública, já que nos falecem outros recursos. Há tanta gente rica em Nova Iguassú, e se desse não partir a iniciativa, nada se terá feito e continuaremos, assim, a ver, todos os dias, morrerem a mingoa tantos

indigentes que a morte vem surpreender a falta de um recurso que está, não há negar, ao alcance de muita gente. (Correio da Lavoura, 01/02/1923)

Nova Iguaçu era decididamente, segundo o periódico, uma terra infeliz, assim estava descrito na edição de 26 de abril de 1923, a esperar pela ação dos poderes públicos para a criação do hospital, além da questão da rede de esgoto, das ruas que continuavam sem calçamento, da falta de água que mal dava para as necessidades básicas, essas foram algumas das queixas relatadas nessa edição.

A displicência com a saúde e a higiene se revelava de diversas formas, pois até mercado era tratado com descaso “o mercado é essa coisa que vemos todos os dias, ninguém se lembra de erguer ali um barracão e continuam os produtos em completa promiscuidade com as impurezas do solo, sem a menor obediência ao asseio e a higiene”.¹¹

Por fim a matéria terminava com a solicitação da população de levantar ali um galpão.

“Ha então alimentos de que não nos podemos privar, que só se encontram aos domingos, porque, o que não se justifica, os srs. Mercadores só se reúnem aos domingos. E mesmo singular, um mercado que se reúne só aos domingos. Mas porque os srs. Mercadores não se resolvem expor os seus produtos todos os dias úteis, pleiteando assim junto dos poderes públicos a construção de um mercado”. (Correio da Lavoura, 26/04/1923)

Novas matérias foram publicadas atestando a necessidade de um hospital, entretanto, apenas em 1926 houve uma primeira resposta da ação municipal, com uma proposta aprovada na Câmara, de uma dotação orçamentária para tal fim. O proponente da ação foi o vereador João Barbosa Ribeiro que subvencionou uma importância anual de 7:000\$000 para a construção.

Na edição de 08 de abril de 1926 o jornal argumentava que os recursos aprovados eram insuficientes.

Parece-nos insuficiente a importância a esse fim destinada. A instalação exige maior despesa, a qual a decorrente da construção do prédio especialmente para o hospital, visto não termos nenhum que possa ser adaptado, observando-se rigorosamente as prescrições de higiene. E a compra de mobiliário? A aquisição de medicamentos, roupas, etc.? à indenização a empregados? São gastos inadiáveis certos que aquela quantia não pode satisfazer. Para instalação do hospital precisamos, logo na primeira entrada, de 20:000\$000. Menos essa quantia será inútil. (Correio da Lavoura, 08/04/1926)

Assim seguia mais uma matéria reafirmando o empenho do Jornal na campanha e do “chamado” à população para um maior empenho na fundação do hospital

11 [□] Correio da Lavoura, 26/04/1923

“Nesta terra tão generosa, que tem enriquecido tanta gente, onde as laranjas representam verdadeiros pomos áureos, não haverá meia dúzia de beneméritos, almas generosas, corações magnânimos, que queiram assinar um ‘Livro de Ouro’ em benefício das obras do nosso hospital?” (Correio da Lavoura, 15/07/1926)

O jornal encampou o tema e matérias recorrentes foram publicadas discorrendo sobre a necessidade e os benefícios que a edificação do hospital traria à cidade. Em matérias com títulos apelativos, “A NECESSIDADE DE UM HOSPITAL EM NOVA IGUASSÚ”, “PRECISAMOS DE UM HOSPITAL”, “AS NOSSAS MAIORES NECESSIDADES”, “O QUE MAIS PRECISAMOS”, “O HOSPITAL DESTA CIDADE”, “PRO-SANTA CASA” foram capazes de persuadir e em alguns momentos “encantar os eleitores” que a campanha ganhou força mesmo a partir de 1931, embora desde 1926 a prefeitura recebia um imposto adicional destinado a construção do hospital.

“A velha campanha por nós encetada há anos com o fim de se fundar em nossa cidade um Hospital, parece que caminha para uma solução prática, graças à boa disposição em que se acha o sr. Prefeito na sua realização”.¹² Arruda Negreiros apoiou a campanha iniciada pelo semanário. A matéria finalizava informando que no sábado anterior fora realizada pelo prefeito uma reunião para discutir sobre a construção do hospital, foi convidado a participar também o Sr. Silvino Azeredo, diretor do referido jornal e os “cavalheiros de prestígio” das altas camadas da sociedade. O assunto não foi finalizado e uma nova reunião seria marcada para o dia 1º de fevereiro, no mesmo local.

O Correio da Lavoura encabeçou a campanha e também registrou todo o processo de construção, desde o início na década de 1920, passando pelo lançamento da pedra fundamental até a inauguração em 1935.

Na edição de 19 de fevereiro de 1931, o periódico iniciava uma nota informando a convocação do secretário da Associação de Caridade do Hospital de Iguassú, Nicolau Rodrigues da Silva para a assembleia geral que seria com todos os associados “no dia 21 do corrente, às 14 horas, no salão do “Sport Club Iguassú” com a pauta leitura e aprovação dos estatutos e eleição definitiva da diretoria. No fim da nota, a informação de que estaria disponível na secretaria o Livro de inscrições de sócios, “sendo considerados fundadores aqueles que se inscreverem até a aprovação dos estatutos”.¹³

12 Correio da Lavoura, 29/01/1931

13 Correio da Lavoura, 19/02/1931

Na edição da semana seguinte, a matéria da segunda página intitulada “O hospital desta cidade” iniciava falando que sob a presidência de Arruda Negreiros no sábado anterior mais uma reunião fora realizada. Depois de animado debate, onde alguns assuntos pertinentes foram tratados dentre eles: nomeação de uma comissão de médicos para dar um parecer quanto as condições do terreno onde o hospital seria edificado, e “ por delegação da Assembleia o sr. Prefeito foi incumbido de procurar o sr. Interventor do Estado no sentido de conseguir para a nova sociedade a doação do terreno a ella destinado”.¹⁴ Por último a Comissão dos Estatutos foi autorizada a fazer cópia de todo trabalho, para ser amplamente distribuído para apreciação antes da sua aprovação.

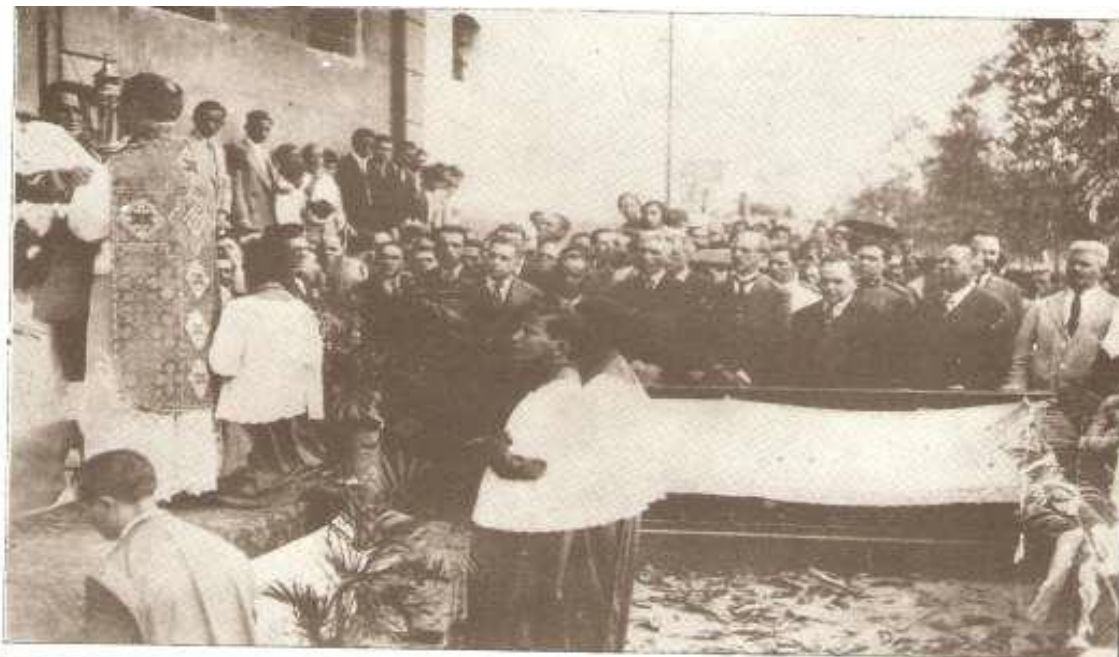
A campanha convocava a todos para as doações, desde os comerciantes, aos homens prósperos, a população de uma forma geral. Ao poder público era solicitado um comprometimento com as questões sociais. As doações eram em dinheiro e materiais de construção. As senhoras e senhoritas da alta sociedade local doavam seu tempo organizando “quermisses” e com a venda de flores para arrecadação, o Circo Odeon também contribuiu revertendo parte da sua bilheteria em favor do hospital.

O Cine Teatro Verde, teatro local também aderiu à campanha e esporadicamente também revertia parte da sua bilheteria a campanha, tudo era repassado ao tesoureiro coronel Sebastião Herculano de Mattos, dono de farmácia no centro de Nova Iguaçu e presidente da Associação Fruticultora de Nova Iguaçu

Alcançamos felizmente a vitória da nossa campanha, iniciada há nove anos, em prol desse estabelecimento hospitalar...assim iniciava a matéria da primeira página do jornal do dia 02 de julho de 1931. A construção do belo prédio já iniciada, foi orçado em 250 contos de réis e sua realização foi fruto do apelo feito por esta coluna e da “philantropia do nosso povo”, (Correio da Lavoura, 02/07/1931)

Na matéria da edição 25 de junho de 1931 falava da visita do Chefe do Governo em Nova Iguaçu. Getúlio Vargas em sua primeira visita a cidade inaugurou a primeira packing-house e também a rua Dr. Getúlio Vargas e fez o lançamento da Pedra Fundamental do Hospital.

Fig. 03 Foto do Lançamento da Pedra Fundamental do Hospital em 1931



Fonte: DIAS, 2012, p.256

O tema da recompensa do dever cumprido em benefício dos desprovidos de sorte era utilizado de forma recorrente pelo jornal. A nota citava “a primeira” matéria publicada em 19 de outubro de 1922 no periódico falando da “A necessidade de um hospital em Nova Iguassú”

Fig.04 Projeto do Hospital



Correio da Lavoura de 02/07/1931

O jornal ainda informou que foi realizada a eleição e posse da nova Diretoria, comparecendo os membros da diretoria provisória, sócios e demais interessados. Sob a liderança de Arruda Negreiros, foram aprovados os Estatutos e a nova diretoria cujo

mandato iria até dezembro de 1933, ficando assim constituída: Presidente Dr. Sebastião de Arruda Negreiros; vice-presidente, Silvino de Azeredo; 1º Secretário, Cel. Nicolau Rodrigues da Silva; 2º Secretário, João Batista de Chagas; Tesoureiro, Cel. Sebastião Herculano de Mattos. Conselho: Cel. Carlos Antônio de Mattos, Dr. J. Manhães, Joaquim de Oliveira Carvalho, Gentil de Carvalho e Antônio Vaz Teixeira¹⁵.

Seguiu-se a posse dos novos diretores, usando da palavra, em agradecimento pela prova de confiança de seus colegas, o Dr. Arruda Negreiros, cujas últimas palavras foram uma afirmação do quanto se encontrava disposto a prosseguir na realização da grande obra e tão bem acolhida por todas as camadas da população iguaçuana. Ainda segundo o jornal, por último fez-se ouvir o lavrador Abílio de Jesus Borges Ferreira, que em nome dos seus colegas lavradores, enalteceu o feito do Correio da Lavoura, através de discurso.

A diretoria foi composta pelos principais membros da sociedade local e de beneméritos que vislumbravam na materialização do hospital a concretização do ideário de modernidade e progresso que a construção traria para a cidade, uma vez que Nova Iguassú era a única cidade do Estado que não possuía um hospital e que o grupo dos citricultores era rico.

Na edição de 27 de agosto de 1931, a matéria “Pró Santa Casa, já iniciava falando que em se tratando de progresso, era comum perguntar tem Santa Casa?” Isso porque o progresso era verificado nos serviços que estavam disponíveis à população e a prefeitura de um município rico ainda não disponibilizava um hospital para atendimento aos seus cidadãos. Então mais uma vez o periódico convocava a população para auxiliar na construção, apelando aos espírito caritativo

(...) fazemos um apelo as gentis senhoritas para que em grupos, organizem domingueiras, ao mesmo tempo um entretenimento para o povo, e um meio de angariar dinheiro, reunindo assim o útil ao agradável. Apelamos também para os negociantes, a fim de que, em seus estabelecimentos, tenham listas, devidamente rubricadas pela Comissão para angariarem donativos. Aos industriais que concorram com algum material: pedra, tijolo, cal, cimento, madeiramento etc.; aos operários que concorram com os dias de trabalho que puderem.

Aos senhores do football, que organizem festivais em benefício do hospital. E preciso que se “cave” muito dinheiro, porque, atendam bem, não é só para a construção do majestoso prédio que se necessita, tem-se também que formar o patrimônio, com o qual será mantido o serviço hospitalar, dispendiosíssimo. (...) espera o dia feliz de vê-la, sorrindo, abrir os braços aos enfermos desvalidos. (Correio da Lavoura, 27/08/1931)

15 Correio da Lavoura, 23/07/1931

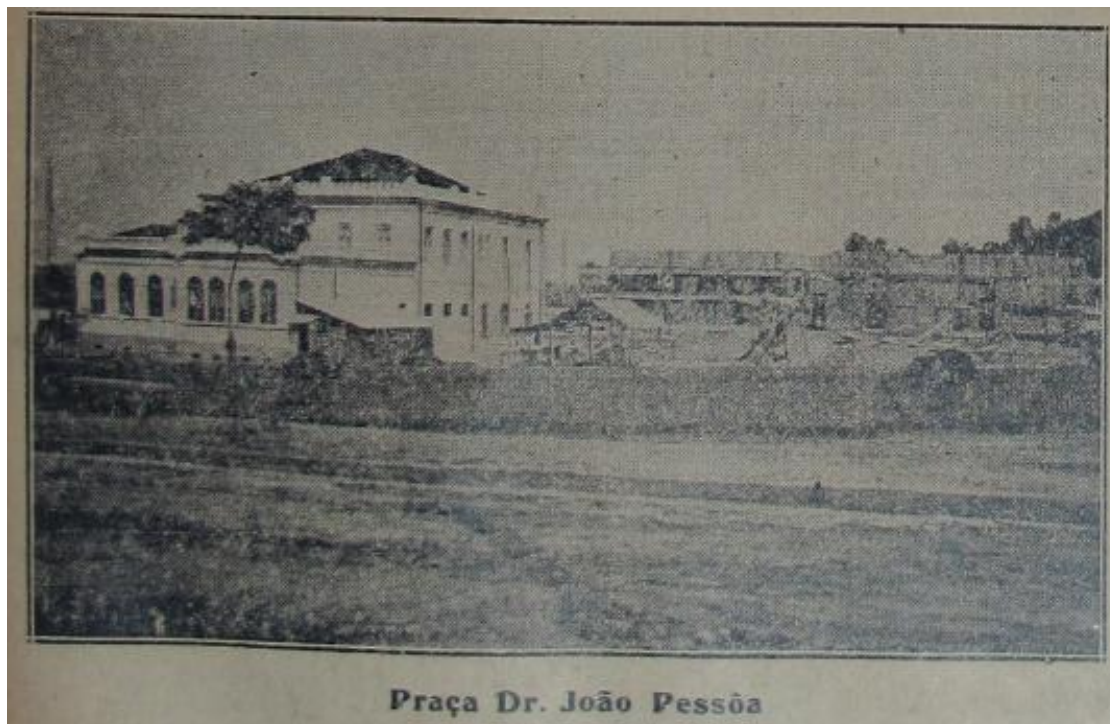
Na edição seguinte, de 03 de setembro de 1931 é relatado que na última reunião da diretoria do Hospital Iguassú foram nomeadas “comissões distritais”, destinadas a angariar donativos para a construção, além de também promover festas, quermesses, etc.

As comissões distritais foram organizadas assim: Belford Roxo: João de Castro Vieira, Ernesto Pinheiro Barcelos, Antonio Joaquim de Carvalho, Victorino Ferreira dos Santos e Almerio Coelho da Rocha; Caxias: Manoel Gonçalves Vieira, José de Alvarenga Freire, Manoel Perlingeiro, Jayme Fischer Gambôa e Manoel Cardoso Bessa; São João de Meriti: Valerio Villas Bôas, João Ferreira Pacheco, Dr. Christovam Berbéria, Henrique Drago e José Xavier de Medeiros; Nilópolis: João de Moraes Cardoso Junior, Coronel Antonio Ribeiro, Antonio Cervi, Benedicto Vicente Serra e Lucio Tavares; Queimados: Plinio Torrentes, Dirceu Pilar Gonçalves, Joaquim Ferreira dos Santos, José Machado Netto e Enéas Silvestre Santos¹⁶. Corroborando com a ideia de um hospital servindo a todo o município.

Na edição de 22 de março de 1932 foi apresentado o relatório ao Ary Parreiras, interventor do Estado do Rio, pelo prefeito Sebastião de Arruda Negreiros para o ano 1931, nele era relatado que seria um grande edifício com dois pavimentos, contendo todas as dependências necessárias para o estabelecimento de um hospital modelo para atender a todo o município. Citava que a população em geral defendia e contribuía para a construção do notável empreendimento, sendo a Associação de Caridade Hospital de Iguassú, determinante nesse contexto, pois a ela foi confiada a construção e posteriormente a direção e custeio do hospital, contribuindo a Municipalidade com o produto da Taxa Hospitalar.

Desde o ano de 1927 a prefeitura recebe um imposto adicional destinado a construção de uma caridade em Nova Iguassú, o qual rende em média 30:000\$000 anuais. Apesar de ter aplicação especial as importâncias arrecadadas foram desviadas para outros fins, constando apenas no ano de 1930 o depósito de vinte e sete contos de réis (27:000\$000) para esse fim. Afim de solucionar esse importante problema, e dar a verdadeira aplicação ao imposto arrecadado, iniciei a construção do Hospital de Iguassú, cujas obras prosseguem com muita animação, devendo terminar no decorrer do ano de 1932. (Correio da Lavoura, 22/03/1932)

Fig.05 Foto da praça Dr. João Pessoa ao lado do hospital em construção



Correio da Lavoura de 19/06/1935.

Na edição de 28 de abril de 1932 na coluna¹⁷ Pró Santa Casa, na primeira página eram relatadas as resoluções da Associação de Caridade Hospital de Iguassú tomadas na reunião realizada no dia anterior, pela diretoria do Hospital:

- 1ª – agradecer aos srs. Antonio Cervi e Thomaz Fonseca, as dádivas que fizeram ao Hospital de Iguassú, o primeiro da importância de 295\$000 e o último de dinheiro e tijolos de sua Olaria;
- 2ª – agradecer ao Cel. Luiz Alves, a dádiva da importância de dois contos de reis (2:000\$000), para auxiliar as obras da construção do edifício destinado ao Hospital;
- 3ª – declarar que a renda bruta do Benefício realizado em 3 de março para findo, no Cine Verde, importou em 2:020\$000, a despesa em 1:200\$000 e o saldo líquido em 820\$000, o qual foi recolhido aos cofres;
- 4ª – incluir no quadro de sócios efetivos os srs. Custodio José Corrêa e Cantalino José Ferreira, cujas propostas foram aprovadas;
- 5ª – determinar o recolhimento de todas as listas em poder de terceiros para angariar donativos para o Hospital, pelo que, os seus possuidores, deverão entregá-las ao sr. Cel. Sebastião Herculano de Mattos, Tesoureiro do Hospital;
- 6ª – considerar sócios beneméritos, de acordo com os Estatutos, os srs. Thomaz Fonseca e Cel. Luiz Alves, em virtude das doações feitas. (Correio da lavoura, 28/04/1932)

Segundo Dias

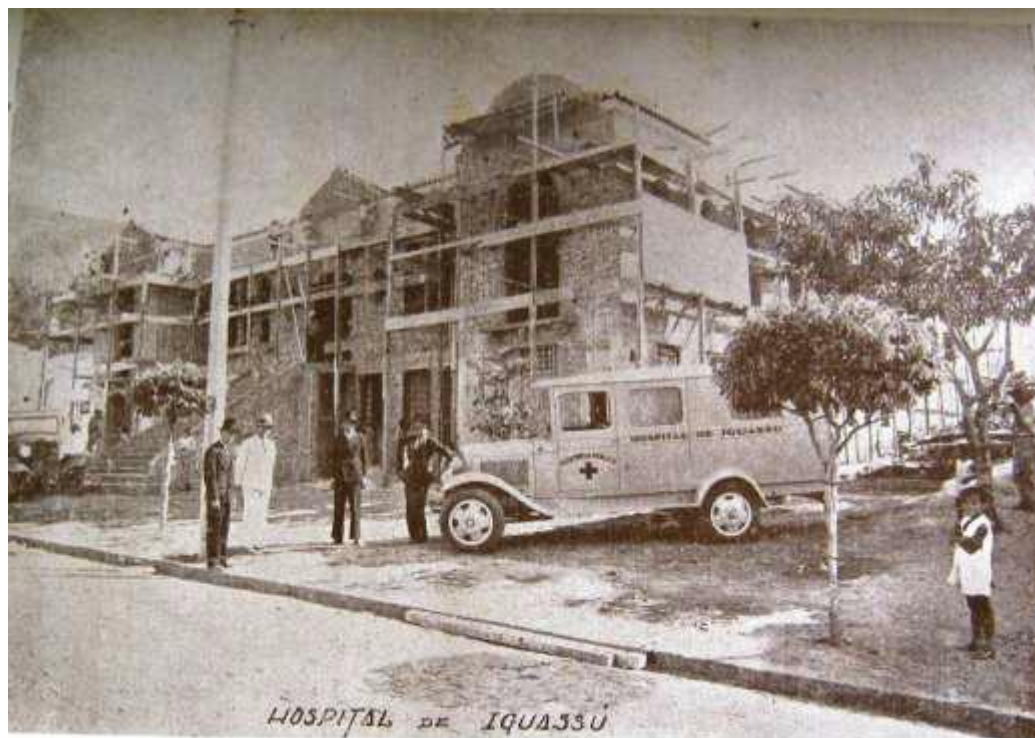
“O interventor do estado Ary Parreiras, em relatório apresentado ao presidente Getúlio Vargas em 1933, publicava uma fotografia do andamento das obras de construção do Hospital de Iguacu. A legenda da foto informava: “Iguassú –

17 Esta coluna apareceu pela 1ª vez na edição do dia 27/08/1931. O objetivo era divulgar informações sobre a construção do Hospital, quem escrevia era IBIRAPITANGA, o pseudônimo usado pelo articulista.

Hospital da Cidade (em construção) – Serviço da Prefeitura em cooperação com particulares e auxiliado pelo Estado”. (DIAS, 2012, p, 257)

Em seu relatório do ano de 1933, o interventor (governador) Ary Parreiras publica uma fotografia do Hospital em construção.

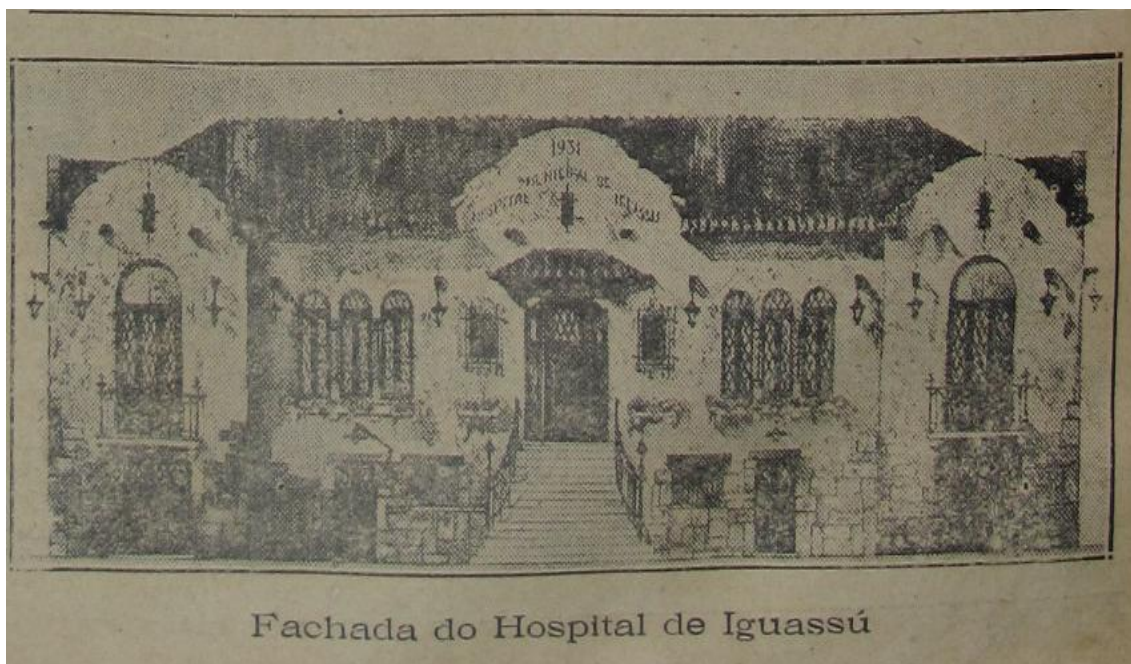
Fig.06 Fotografia do Hospital de Iguassú em construção



DIAS, 2012, p.257

O hospital de Iguassú foi inaugurado em 31 de março de 1935, notícia amplamente divulgada no Correio da Lavoura nas edições dos dias 04/04/1935 e 11/4/1935

Fig.07 Fachada do Hospital



Correio da Lavoura de 04/04/1935.

Segundo o periódico a inauguração transcorreu dessa forma:

Às 14 horas e meia, reunida a diretoria, deu-se início à solenidade da inauguração, formando-se a mesa sob a presidência do Dr. Sebastião de Arruda Negreiros, que teve a ladeá-lo os seguintes Sres.: deputado Manoel Reis, Dr. Luiz Palmieri, diretor do Hospital de São Gonçalo, cap. Silvino de Azeredo, diretor desta folha, cap. Nilo da Costa Moura, representante do interventor do Estado do Rio, ten. Nelson da Costa, representante do comte. da Força Pública, cel. Sebastião Herculano de Mattos, Dr. Cledon Cavalcanti, diretor do Hospital de Iguassú, deputado Atila do Amaral, sr. Matos Gonçalves, representante da Gazeta de Notícias e João Fonseca, representante do Cine Teatro Verde.

Abrindo os trabalhos, o Dr. Arruda Negreiros fez uma calorosa oração, citando os nomes dos que concorreram para que a associação pudesse levar a termo tão alevantada tarefa.

Depois quem teve a palavra foi o cel. Sebastião Herculano de Mattos, orador oficial da solenidade, que proferiu brilhante seu discurso, vivamente aplaudido. Em seguida, falaram os seguintes oradores: dr. Luiz Palmieri, sr. Godofredo de Souza Aguiar Jr., em nome do povo de Nilópolis, o sr. Ignacio Mello, sr. Jarbas Cordeiro, representando o S. C. Iguassú, sr. Arthur Pires de Lima, deputado Manoel Reis e dr. Cledon Cavalcanti.

Por fim, encerrando a sessão, o dr. Arruda Negreiros convidou o sr. João Baptista Chagas, 2º secretário, a fazer a leitura da acta de inauguração do Hospital, tendo ao terminar essa leitura, pedido uma salva de palmas para os operários que cooperaram na construção da importante obra.

Agradece, finalmente, às autoridades presentes, às que se fizeram representar e a todas as pessoas que compareceram à cerimônia, declarando solenemente inaugurado o Hospital de Iguassú, e pronto, por conseguinte, a prestar socorros a quantos deles necessitassem, muito especialmente a pobreza humilde e sofredora (Correio da Lavoura, 04/04/1935)

O Jornal citava as belezas da arquitetura e da grande obra que foi a construção do hospital.

Fig. 08 Foto do Hospital de Iguassú



Correio da Lavoura, 11/04/1935.

Na edição especial de comemoração de 20 anos do Jornal, é citado o orçamento para 1936 no qual a Taxa Hospitalar seria de 60:000\$000 e demais taxas cobradas em benefício do hospital. Mas as despesas com Diretoria de Higiene estavam divididas da seguinte forma:

I – Pessoal.....16:200\$000;
 II – Subvenção ao Hospital de Iguassú.....20:000\$000
 III – Posto médico.....1:200\$000
 Total: 37:400\$000

Taxa Hospitalar

Esta taxa terá aplicação especial e será estipulada em separado e cobrada na forma seguinte: 20% sobre alvarás especiais para explosivos e bebidas alcoólicas; 10% sobre todos alvarás em geral; e 2\$000 (dois mil réis) sobre qualquer imposto ou taxa, que não estejam sujeitos ao alvará, exceto as taxas de pena d'água, taxa sanitária, taxa mortuária e talho de gado (Correio da lavoura, 22/03/1936).

Na edição seguinte de 02 de abril de 1936 na coluna “Notas e Comentários” assinada por Jota Hess. Era mencionado o primeiro aniversário de inauguração do Hospital Iguassú.

Transcorreu a 31 do mês próximo passado, o primeiro aniversário da inauguração festiva do Hospital Iguassú. Obra grandiosa, atestado indelével do espírito filantrópico do povo iguassuano, a humanitária instituição muito tem feito em prol dos que sofrem e realizado no que concerne à assistência hospitalar. Oxalá lhe cheguem sempre recursos com que possa prosseguir e ampliar sua relevante tarefa. (..) Ao ser servido o chocolate, a sta. Iza Gonçalves, encarregada do ambulatório, deu início às orações, falando em nome de suas colegas e explicando os motivos da manifestação. A seguir, discursaram os srs.: João B. Chagas, 2º secretario; dr. Francisco Soares, cel. Sebastião H. de Mattos, 1º thesoureiro; dr. Mario Guimarães, deputado Estadual, dr. Sebastião de Arruda Negreiros,

prefeito municipal e presidente da instituição; e finalmente, o dr. Cledon Cavalcante, diretor do hospital.

O cap. Silvino de Azeredo, vice-presidente da instituição, por achar enfermo, fez-se representar pelo sr. Avelino de Azeredo. O distinto corpo de enfermeiras excedeu-se em gentilezas para com os presentes.
(Correio da Lavoura, 02/04/1936)

Na edição 15 de abril de 1937 o semanário noticiava a última reunião realizada pela Associação de Caridade Hospital de Iguassú e decisões tomadas, dentre elas estavam a inclusão como sócio benemérito do atual prefeito Dr. Ricardo Xavier da Silveira e autorizar ao Dr. Cledon Cavalcanti de Hollanda Lima, para continuar a receber as taxas e subvenções municipais destinadas ao Hospital de Iguassú.

Resoluções tomadas na reunião extraordinária da Directoria realizada em 7 do corrente:

1ª - aprovar todas as contas, balancetes e demonstrações de receitas e despesas, apresentados pelo diretor médico, dr. Cledon Cavalcanti de Hollanda Lima, bem como todos os actos pelo mesmo praticados, em nome da directoria;
2ª - Fazer constar em acta um voto de louvor e agradecimento ao dr. Ricardo Xavier da Silveira, digno prefeito deste Município, por ter o mesmo doado á Associação de Caridade “Hospital de Iguassú” importancia superior 1:000\$000.

3ª - Incluir no quadro social, como socio benemerito, de acordo com o § 1º art. 7 dos Estatutos, o dr. Ricardo Xavier da Silveira, prefeito deste Municipio, por ter doado a Associação de Caridade “Hospital de Iguassú”, importancia superior a 1:000\$000 expedindo-se o referido diploma.

4ª - Nomear os srs. cel. Sebastião Herculano de Mattos, director thesoureiro; J.B.Chagas, diretor secretário e dr. Cledon Cavalcanti de Hollanda Lima, diretor médico, para a Comissão elaboradora do Regulamento Interno do Hospital de Iguassú.

5ª - autorizar o diretor-médico, dr. Cledon Cavalcanti de Hollanda Lima, para continuar a receber as taxas e subvenções municipais destinadas ao Hospital de Iguassú, prestando contas, mensalmente, a directoria, e praticar todos os actos necessarios para o bem do enfermos, e feliz exito da gestão administrativa.
(Correio da Lavoura, 15/04/1937)

Com a construção do Hospital de Iguassú, a elite citricultora ganha a tão desejada publicidade pelo feito. Esforços empreendidos por todos, mais norteados principalmente pela Associação de Caridade do Hospital de Iguassú sob liderança do prefeito Sebastião de Arruda Negreiros. Uma vez obra finalizada, um novo discurso dos citricultores é direcionado à prefeitura “exigindo a responsabilidade pela gestão” do mesmo.

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo foi possível percorrer a trajetória da citricultura no município de Nova Iguaçu. Foi visto que a laranja surge como alternativa ao café (devido a decadência no Estado fluminense). A laranja trouxe fortuna para muitos, movimentou a cidade, houve investimentos em infraestrutura para atender a essa demanda. Com o progresso oriundo da laranja, estradas foram construídas, houve a instalação dos primeiros estabelecimentos bancários, inauguração de cartórios, etc. O hospital era o que faltava para atender a população e aos trabalhadores.

No segundo capítulo foi apresentado a diferença entre caridade e filantropia. Nesse contexto foi possível percorrer a relação da Santa Casa de Misericórdia com a assistência aos pobres de uma forma geral. Foi possível acompanhar também a evolução empreendida por Carlos Chagas no início da década de 1920 e as medidas de profilaxia e prevenção que foram estabelecidas com a criação do DNSP, pois várias melhorias foram implantadas na baixada, dentre elas, o projeto de saneamento, possibilitando assim que áreas impróprias e alagadas fossem recuperadas para a plantação da laranja. Com a área saneada a incidência de doenças diminuiu, melhorando a saúde da população.

No terceiro capítulo foi possível ter uma visão privilegiada do processo através do Correio da Lavoura desde a ideia até de fato a construção do hospital. Com matérias semanais, o periódico foi o “interlocutor” direto da elite local e os seus leitores. Foi possível através desse olhar ver o quanto a campanha “Precisamos de um Hospital”, foi acolhida por toda a sociedade através de reiteradas matérias pedindo e apelando para almas caridosas e benevolentes, culminando com a construção do tão sonhado Hospital de Iguassú.

Em pleno momento de transição da responsabilidade da gestão da saúde para o Estado, os citricultores veem no discurso da filantropia e caridade a oportunidade de deixar sua marca nessa sociedade, ainda que a população e a prefeitura também tenham tido a sua participação na construção. Uma vez alcançado esse objetivo, os citricultores passam “a responsabilidade” pela administração, manutenção e funcionamento à prefeitura.

Apresentei em linhas gerais o que foi discutido nesse trabalho e deixo a possibilidade de novas pesquisas uma vez que o recorte foi da idealização até a construção do hospital, visto através do Correio da Lavoura. Espero ter contribuído

mesmo que singelamente para História da região da Baixada Fluminense, em especial Nova Iguaçu.

BIBLIOGRAFIA

CRIVELLO, Natalia Azevedo. Os laranjais da cidade de Nova Iguaçu: representações fotográficas de uma transformação (1929-1940). RJ: UERJ, 2011 (Dissertação em História Social).

DIAS, Amália. Entre laranjas e letras: processos de escolarização no Distrito-Sede de Nova Iguaçu (1916-1950). Niterói: UFF, 2012. (Tese em Educação)

DUTRA, Amanda Nogueira. Morro Agudo ou Comendador Soares? O conflito de memória em relação ao nome de um bairro de Nova Iguaçu. Nova Iguaçu: UFRRJ, 2014 (Monografia de História)

PEREIRA, Waldick. Cana, Café e Laranja: História Econômica de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro: FGV/SEEC, 1977.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90's): economia e território em processo. RJ: UFRJ, 2006 (Dissertação em Planejamento Urbano e Regional).

SANGLARD, Gisele Porto. Entre os salões e o laboratório: Filantropia, mecenato e práticas científicas. Rio de Janeiro, 1920-1940. RJ: FIOCRUZ, 2005 (Tese em História das Ciências da Saúde)

_____. Assistência Médica no Brasil: especificidade e experiências. In ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

_____. Laços de sociabilidade, filantropia e o Hospital do Câncer do Rio de Janeiro (1922-1936). Hist. cienc. saúde-Manguinhos [online]. 2010, vol.17, suppl.1, pp.127-147.

SILVA, Lúcia Helena Pereira. De Recôncavo da Guanabara à Baixada Fluminense: Leitura de um território pela História. In Recôncavo: Revista de História da UNIABEU Volume 3 Número 5 Julho - Dezembro de 2013.

SILVA, Lúcia Helena Pereira. Saneamento e política na Baixada Fluminense: Nova Iguaçu no início do século XX. In Revista de Ciências Humanas Volume 48, Número 2, p. 282-302, Jul-Dez 2014.

SIMÕES, Manoel Ricardo. A Cidade Estilhaçada: Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense. Niterói: UFF, 2006 (Tese em Geografia)

SOARES, Maria T. Segadas. Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo grande Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Geografia, v. 24, n. 2, abr./jun. 1962.

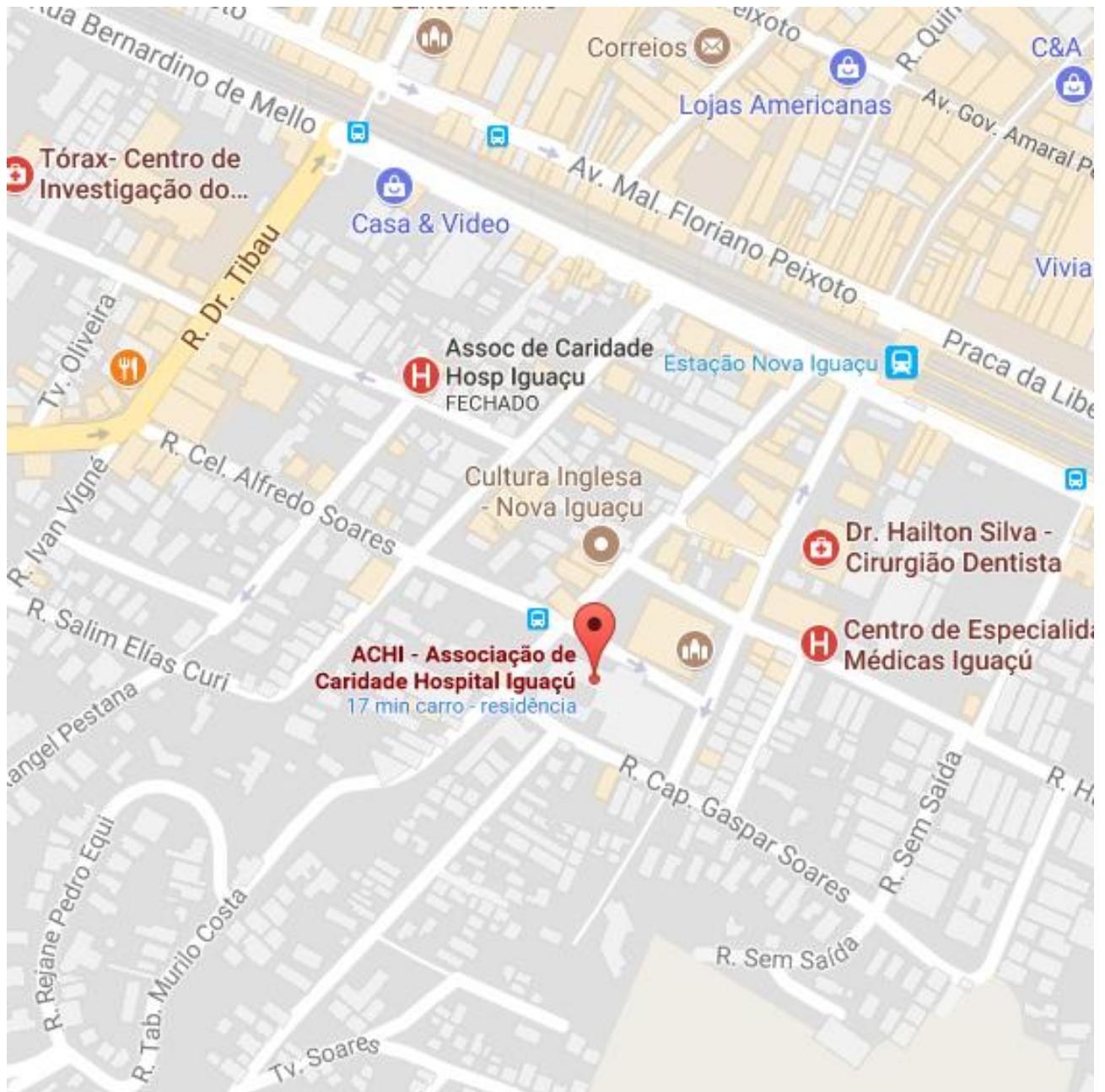
ANEXO

A) Foto Atual do Hospital – Fechado e abandonado



Fonte: Google Maps

B) Mapa com a localização do Hospital - Fechado



Fonte: Google Maps

C) Reportagem falando da Reabertura do Hospital Iguaçu



Reabertura do Hospital Iguaçu perto de se tornar realidade

Quinta-feira, 11 de julho de 2013

NOVA IGUAÇU - A reabertura da Associação de Caridade Hospital Iguaçu está prestes a se tornar realidade. O secretário estadual de Saúde, Sérgio Côrtes estará amanhã (12/07) em Nova Iguaçu, para fazer uma visita à unidade e analisar a possibilidade de reabertura do hospital que encerrou o atendimento pelo SUS em 2009. Mesmo tendo sido berço de diversos filhos da cidade. A Associação de Caridade Hospital Iguaçu suspendeu atendimento por falta de verbas. Os repasses do Sistema Único de Saúde (SUS) pararam de chegar à administração do centro de saúde, que após mais de 90 anos de funcionamento não conseguiu sustentar a demanda e encerrou suas atividades mesmo sendo uma das principais maternidades da região. A visita de Côrtes ao hospital atende a uma reivindicação do vereador Carlão Chambarelli que em fevereiro deste ano encaminhou uma proposição ao prefeito Nelson Bornier indicando sua reabertura. Na proposta, o parlamentar pede que a gestão municipal realize uma intervenção na Associação para assegurar seu funcionamento.

“Com o desastre administrativo que se abateu em nossa cidade, a instituição (...) foi sucumbindo até fechar as portas e não atender ao povo iguaçuano, chegando ao ponto de não nascer mais cidadãos iguaçuanos em Nova Iguaçu”, justificou o documento. “O Hospital Iguaçu tem tudo para voltar a ser referência em maternidade na Baixada. Estou certo de que o secretário Sérgio Côrtes irá se sensibilizar com a situação e não poupará esforços para conseguir os investimentos necessários para que ele volte a funcionar novamente. Será um grande avanço na área da saúde”, declarou o vereador.

Fonte: <http://www.noticiasdenovaiguacu.com/2013/07/reabertura-do-hospital-iguacu-perto-de.html>. Acessado em 28/05/2017